

Le Monde não tem espaço para o Mercosul*

Francisco Sant'Anna[†]

Índice

1	Internet	3
2	O Mercosul enquanto tema jornalístico	4
3	América Latina versus Mercosul	7
4	Região ou nação?	10
5	Prioridades editoriais	15
6	Ilustrações	17
7	Conclusão	21
8	Bibliografia	24

Introdução

No imaginário comum daqueles que têm por hábito a leitura de periódicos internacionais, os jornais *El País*, da Espanha, e *Le Monde*, da França, são tidos como os que propiciam uma cobertura mais aprimorada dos temas latino-

*Dados para referência bibliográfica: SANT'ANNA, Francisco. *Le Monde* não tem espaço para o Mercosul. In: DUARTE, Jorge Antonio Menna; GOBBI, Maria Cristina. (Org.). *Mercosul sob os olhos do mundo: como jornais de 14 países apresentaram o Mercosul a seus leitores*. 1 ed. Pelotas - RS: Editora Universitária da UFPel, 2008, p. 243-263.

[†]Periodista Profissional y Realizador de Documentales, Maestro en Comunicación por la Universidad de Brasilia (UnB) - Brasil y Doctor en Ciencias de la Información y Comunicación por el Centre de Recherches sur l'Action Politique en Europe (Crape) de la Université Rennes-1 - France. Correo electrónico: chicosantanna@hotmail.com

americanos. Grande parte de seus conteúdos são reutilizados de por publicações brasileiras e hispanofônicas. Na prática, contudo, pelo menos no que se refere à cobertura do *Le Monde* sobre os temas relacionados ao Mercosul, a fama não faz jus à linha editorial praticada.

O bloco econômico, que representa dois terços do território (11,9 mil Km²) e da população (246 milhões de habitantes) da América do Sul e que, em 2005, possuía um volume de comércio exterior com o resto do mundo da ordem de US\$ 240 bilhões¹ é citado, em média, apenas três a quatro vezes por mês. E estamos falando exclusivamente em citações, não em textos que tenham o Mercosul como tema central. Em resumo, podemos afirmar que não há espaço para o Mercosul no *Le Monde*.

Esta constatação é fruto de dados levantados a partir da pesquisa encomendada pela Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional e pela Rede Mercomsul, cujo objeto é a análise a cobertura da imprensa escrita internacional sobre o Mercosul. Os pesquisadores envolvidos coletaram e analisaram os perfis da cobertura jornalística em diversos países. O período em foco foi o mês de dezembro de 2007, tendo em vista a realização no Uruguai da Cimeira de chefes de Estados do Mercosul. Coube a nós o vespertino francês *Le Monde* e, por uma iniciativa pessoal, analisamos tanto a versão em papel, quanto a eletrônica disponibilizada na Internet.²

Antes mesmo de mergulhar sobre a realidade editorial compreendida no período definido pela pesquisa, decidimos avaliar qual teria sido o comportamento padrão do jornal num período mais longo. A partir do uso de uma ferramenta de busca de palavra aplicada sobre os conteúdos das matérias veiculadas nas versões impressa e eletrônica – reportagens, notas, editoriais, etc. – entre 1^o de dezembro de 2006 e 30 de novembro de 2007, identificamos um total de 41 citações – média mensal de 3,4 – todas elas se valendo da versão hispânica de grafia do nome do bloco, *Mercosur*. Embora tenha o maior

¹ Cf. o sitio institucional da presidência do Mercosul, disponível, em 6/01/2008, no endereço <http://www.mercosurpresidenciaicrpm.org/por/logros.php>

² Notas metodológicas: A presente pesquisa teve como base as edições eletrônicas e impressas do *Le Monde* disponibilizadas aos assinantes, ou seja, as versões mais completas. O jornal não circula as segundas-feiras. A edição impressa de domingo é a mesma disponível na segunda. A versão eletrônica é atualizada todos os dias. A pesquisa não se limitou à editoria de *Internacional*. Foram pesquisadas todas as rubricas do jornal, inclusive as de caráter cultural. O *Le Monde* é um vespertino, mas pode ser lido eletronicamente desde as primeiras horas do dia, o que significa dizer que seu fechamento deve ocorrer de véspera como ocorre com os matutinos tradicionais. A diferença de fuso horário em relação ao horário oficial brasileiro quando da realização da pesquisa era de duas horas à frente. O que significa dizer que fatos ocorridos no período da tarde na região do Mercosul poderiam ter prejudicado um eventual aproveitamento editorial devido à proximidade com o fechamento da publicação.

peso do bloco, tanto territorial, populacional, quanto econômico, o Brasil não obteve êxito em fazer prevalecer a grafia portuguesa *Mercosul* nas páginas do vespertino francês. Eventualmente, isto pode ser reflexo da baixa penetração cultural do português em outros recantos do planeta.

O mês de dezembro de 2007, período estipulado para a pesquisa, foi muito rico para as nações que formam o Mercosul ou a elas estão associadas como membros não plenos. Foi um período de sucessão presidencial na Argentina, Constituinte na Bolívia, Plebiscito na Venezuela, formação de instituição financeira regional além é claro de uma Cimeira do Mercosul, ocasião que se deu a mudança da presidência *pro tempore* do bloco, passando do Uruguai para a Argentina. Ao longo do mês, contabilizamos a existência na versão impressa de 106 textos que mencionavam o bloco econômico, um ou mais dos países membros - incluindo-se aí Venezuela e Bolívia -, ou a América Latinas/América do Sul.³ Na versão eletrônica, disponibilizada na Internet, o quantitativo de textos foi bem menor, 45 matérias, 42% da edição em papel. Ressalte-se que nenhum deles mencionou o foco central desta pesquisa: o Mercosul. Muitos dos textos publicados – nas duas versões do *Le Monde* - citavam simultaneamente mais de um país, ou o tema Mercosul (no caso da versão papel) e os países membros conjuntamente, o que resultou num volume de citações superiores ao de textos publicizados.

A versão impressa do *Le Monde* tem formato tablóide e dedica uma média de quatro páginas ao noticiário estrangeiro. Eles são disponibilizados na seção *Internacional*, que abriga a cada edição cerca de 20 textos de diferentes tamanhos. Normalmente existem reportagens de maior fôlego acompanhadas de notas curtas (pequena notícia destinada à informação rápida, caracterizada por sua extrema brevidade e concisão).⁴ Além desta seção *Internacional*, é possível encontrar artigos versando sobre temas internacionais em outras rubricas, tais como *opinião*, *economia*, *cultura* e *esportes*, dentre outras.

1 Internet

A versão eletrônica traz igualmente uma seção *Internacional*, porém subdividida em seis editorias geográficas temáticas. Dentre elas, há a *Amériques*, na qual, independentemente da natureza da notícia – econômica, política, cultura, etc. -, são postados todos os fatos ocorridos na área compreendida entre

³ Embora o Chile seja membro associado ao Mercosul, decidimos não incluí-lo na pesquisa pelo fato do mesmo não demonstrar interesse de ser membro pleno, como o fazem Venezuela e Bolívia.

⁴ Aqui utilizamos as definições de BARBOSA e RABAÇA, 2002.

o Alasca e a Terra do Fogo. Esta seção *Internacional* traz uma média de 22 textos por dia.

Ao contrário do estilo das páginas brasileiras *em linha*, a versão internet do *Le Monde* não demonstra uma ambição de divulgar um grande número de notícias, nem da busca do chamado jornalismo *em tempo real*. Não há uma atualização frenética como ocorre no webjornalismo nacional, nem se verifica uma busca incessante de reduzir, se possível a zero, o lapso de tempo entre a postagem de uma nota e outra. São poucos os textos publicados e estes são mais longos e mais profundos do que estamos acostumados a consumir no Brasil. Alguns dos textos são provenientes ou têm subsídios das agências internacionais, em especial da *France Presse*. Ressalte-se que, ao contrário da imprensa nacional, o *Le Monde* não omite as agências autoras dos textos, nem usa de subterfúgios do tipo assinar *Da redação* para ocultar do leitor o verdadeiro autor do texto. Em alguns casos, a versão internet disponibilizada aos assinantes antecipa matérias especiais, elaboradas por correspondentes e enviados especiais, que só vão ser publicadas na edição impressa do dia seguinte.

No período examinado, foram veiculados no *Www.LeMonde.fr* 45 textos que faziam menção a algum dos temas correlatos já mencionados. Este montante representa uma média de 1,5 texto por dia. Entretanto, salvo momentos especiais, como foram os casos da retomada de investimentos do Brasil na exploração de hidrocarbonetos na Bolívia e da *Operação Emmanuel* implementada pelo presidente Hugo Chávez, para resgatar três reféns das Forças Revolucionárias Colombianas – Farc; a seção *Amériques* não comportou num mesmo dia, mais de uma reportagem sobre fatos sul-americanos.

2 O Mercosul enquanto tema jornalístico

Não é possível fazer com precisão uma análise de conteúdo da forma como o *Le Monde* trata o Mercosul, já que foram apenas três as oportunidades em que ele virou notícia e todas elas na versão impressa. Desta maneira, só é possível afirmar que, a exemplo do que foi constatado em pesquisas semelhantes feitas no passado, o Mercosul tem dificuldades significativas de existir enquanto notícia e enquanto categoria de análise (Andrade, 1997:38 e Sant'Anna, 2001: 55), pelo menos nas páginas do *Le Monde*. Os dados coletados revelaram que o Haiti, a nação caribenha tida como a mais pobre das Américas, tem nas páginas francesas projeção equivalente a do bloco do Cone Sul.

As raras ocasiões em que o Mercosul foi mencionado trazem em comum duas características: a pobreza de maiores informações aos leitores franceses e uma visão já formalmente ultrapassada do que consiste o bloco. Ele

é reiteradamente apresentado como uma simples *união aduaneira*, seguindo a definição original estabelecida, em 1991, pelo Tratado de Assunção e não como um *bloco político e econômico*, segundo as bases do Tratado de Ouro Preto⁵. Esta abordagem editorial desconsidera, assim, a meta estratégica de real integração desta comunidade sul-americana e o efeito de multiplicar o poder de negociação do bloco, segundo as definições oficiais.⁶ Também são ignoradas ou mal apresentadas as ações concretas de caráter estratégico implementadas pelo bloco. É o caso da criação do Banco do Sul. O tema contou com uma cobertura importante, mas em nenhum momento foi editorialmente associado ao Mercosul ou mesmo à Comunidade de Nações da América do Sul, berços desta nova instituição financeira.

Também não foram encontrados textos que tratassem da integração política, cultural e social dos países membros. As notícias ignoraram, desta forma, a transformação político social que se dá no interior do bloco, uma vez que este *se espalhou pela vida social e econômica dos países do Cone Sul, criando mais de 300 canais diferentes de discussão, envolvendo instâncias diversas, seja de caráter governamental ou de interesse da sociedade civil* (Andrade, 1997:24). Elas revelam na imprensa francesa uma característica já percebida na imprensa brasileira e argentina em pesquisas realizadas por Ford (1994) e Andrade (1997-b), qual seja: *o noticiário referente ao Mercosul tem priorizado os procedimentos comerciais, financeiros e econômicos, aparecendo em plano secundário as denominadas questões socioculturais* (Marques de Melo et al, 1997: 80)

Embora raras, as citações verificadas no *Le Monde* são reveladoras do estilo editorial do periódico. Vejamos. Em 5/12, analisando em editorial a vitória do *não* no plebiscito convocado por Hugo Chávez para homologar reformas constitucionais – dentre as quais a possibilidade de re-eleição presidencial ilimitada – o jornal destaca que entre os revezes que o líder bolivariano enfrenta está a *má vontade do Congresso brasileiro* em formalizar a adesão venezuelana ao mercado comum regional.⁷

A segunda citação, e, talvez, a que teve maior profundidade, tratava da situação da indústria automobilística francesa que se mostrava *confiante* com o seu desempenho nos países que formam o bloco. O texto, publicado na seção de *Economia e Finanças*, apresentava o Mercosul como *o Eldorado da indústria automobilística européia* e anunciava que as três montadoras francesas pretendem comercializar nos próximos dois anos 800 mil veículos, *tirando proveito*

⁵ Cf. Portal Oficial do Mercosul, disponível em 6/01/2008 em <http://www.mercosur.int/msweb/porta1%20intermediario/pt/index.htm>

⁶ Idem

⁷ Cf. Editorial, in: *Le Monde*, edição de 05/12/2007, p. 2.

de um mercado em plena forma. Ao leitor francês, além da informação de que italianos, alemães e franceses disputam ferozmente a hegemonia deste mercado - que em 2007 cresceu a taxas superiores a 25% -, não existia qualquer outra explicação do que consiste o Mercosul.⁸

A terceira e última citação, teve lugar dia 20, dois dias após a realização da Cimeira do Mercosul, em Montevideu. O tema em pauta não foi a reunião dos chefes de estado ou as decisões lá tomadas, mas sim os rumores de uma possível liberação de reféns mantidos pelas Forças Revolucionárias Colombianas – Farc. Dizia o jornal francês que a autenticidade do comunicado das Farc em liberar reféns fora confirmada pelo presidente Hugo Chávez *às margens da cimeira do Mercosul, em Montevideu.*⁹ Isto demonstra que o *Le Monde* sabia da realização e acompanhou a reunião dos chefes de Estado do Mercosul, mas a ignorou enquanto fato jornalístico. Nenhum destes três textos foi disponibilizado na versão internet.

A despeito do fato de ser a União Europeia o maior sócio comercial do Mercosul – a balança comercial entre os dois blocos, em 2006, foi estimada em US\$ 86 bilhões -, em nenhum dos três textos que citaram o bloco econômico sul-americano, o mesmo foi o sujeito ou o objeto principal da notícia. Mesmo potencializando o aspecto econômico financeiro, as significativas cifras econômicas, sejam elas interna ou externamente ao bloco – internamente, o comércio entre os países membros é da ordem de US\$ 40 bilhões –, não são suficientes para garantir destaque editorial. A melhor prova foi a não cobertura da Cimeira ocorrida no dia 18, no Uruguai. Na oportunidade em que se deu a assinatura do acordo de livre comércio com Israel,¹⁰ o Mercosul foi totalmente ignorado pelo *Le Monde*.

Mais do que um fato econômico, já que o peso do comércio exterior com Israel não ultrapassa a 1% (cerca de US\$ 1,1 bilhão) do volume global do Mercosul, o tratado tinha forte significado político. Do lado sul-americano, além de ampliar as oportunidades do comércio bilateral – hoje majoritariamente concentrado entre Brasil e Israel - era o primeiro acordo assinado pelo bloco com uma nação externa à América Latina. Politicamente, isto foi visto como uma demonstração da capacidade do Mercosul em realizar acordos em bloco, afastando as pressões em prol de acordos bilaterais.

⁸ Cf. *L'industrie automobile française parie sur le Mercosur*, in : *Le Monde*, seção *Economie* & edição de 06/12/2007, p. 14.

⁹ Cf. *Les Farc annoncent la libération des trois otages, dont l'assistante d'Ingrid Betancourt*, in : *Le Monde*, seção *International* de 20/12/2007, p. 05.

¹⁰ O acordo prevê que, até 2017, 95% das exportações do bloco para o país do Oriente Médio e 97% das exportações israelenses para o bloco econômico serão comercializadas com tarifa zero.

Do lado israelita, era uma forma de demonstrar peso junto à política externa latino-americana, tradicionalmente simpática à causa árabe-palestina. Estes aspectos poderiam ainda ser jornalisticamente reforçados com a ocorrência de alguns episódios paralelos, dentre os quais destacamos a expulsão pela Venezuela do embaixador israelita em protesto contra as operações militares israelitas no Líbano em 2007. Hugo Chávez as comparou às ações nazistas. Outro tempero jornalístico ignorado se refere às manifestações internacionais contra a assinatura de tal acordo patrocinadas por organizações e cidadãos de diversos países, inclusive da França. Eles consideravam o protocolo um *apoio a sérias violações dos direitos humanos* perpetradas por Israel. Segundo uma petição internacional¹¹ encaminhada aos presidentes dos países membros do bloco, *o Mercosul deve – e tem de fato a obrigação - de abster-se do Acordo de Livre Comércio ou de outros acordos até que Israel cumpra com o Direito Internacional e as Resoluções da ONU*. Toda esta celeuma foi ignorada pelos leitores do *Le Monde*.

3 América Latina versus Mercosul

Enquanto campo temático, a América Latina e a América do Sul geram maior atrativo à redação francesa do que o Mercosul. O saldo da soma dos conteúdos divulgados pela versão impressa do *Le Monde*, foi de 28 citações em textos jornalísticos para a primeira temática e de 14 para a segunda. Já o Mercosul foi totalmente ignorado pela página www.LeMonde.fr e alvo de citação em apenas três textos da versão em papel (vide gráficos 1.1 e 1.2). As regiões geográficas se mostram bem mais presentes do que aquelas criadas pelos pactos de integração.

Esta predileção não é privativa do periódico francês. Em 2001, ao analisarmos o papel da imprensa brasileira no processo de integração latino-americana, também constatamos que a *América Latina*, enquanto tema se mostrava mais importante do que o mercado comum regional (Sant'Anna, 2006: 16). Esta aparecia em décimo lugar, em termos de volume de notícias publicadas, enquanto aquele ocupava a 18ª posição.

O estudo de caso compreendeu o comportamento editorial do *Jornal do Brasil*, *Folha de São Paulo* e *Correio Braziliense*¹² e demonstrou que a América Latina, com 539 textos, era 3,4 vezes mais noticiada do que o Mercosul (159). No presente trabalho, a presença do tema América Latina no vespertino francês é 5,6 vezes maior, na versão impressa, e onze vezes, na edição eletrônica. Os

¹¹ Disponível em <http://www.petitiononline.com/pal2006/petition.html>

¹² Foram analisadas as edições entre 1990 e 1994.

dados reforçam leituras anteriores (Sant'Anna, 2006 e Andrade, 1997) pelas quais o Mercosul não desperta interesse editorial e que o seu potencial enquanto pauta jornalística é praticamente nulo, à luz do olhar francês.

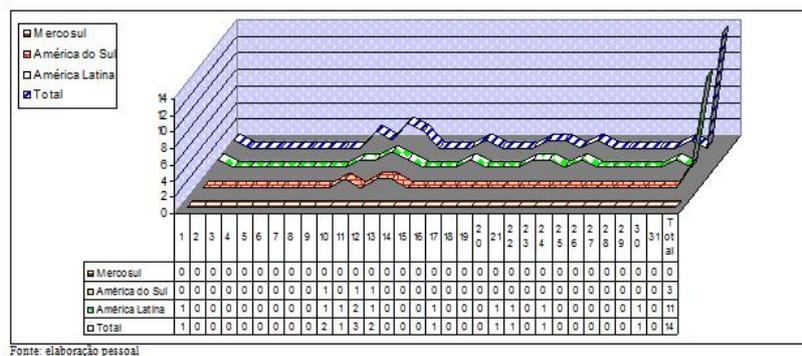


Figura 1: GRÁFICO 1.1 CITAÇÕES NO LE MONDE DEZEMBRO 2007 - VERSÃO INTERNET

A priorização do conceito *América Latina*, em detrimento do Mercosul, ou mesmo de *América do Sul*, pode ser vista como uma herança invisível do processo colonizador. A América Latina, ou melhor, a América com um todo nasceu na ótica dos descobridores. Sob o olhar europeu, as divisões territoriais dos grupos étnicos, das nações que já povoavam o Novo Mundo nada representavam. Elas não foram suficientemente fortes e consolidadas para que o *descobridor* respeitasse seus limites geográficos, nem mesmo para assegurar uma denominação diferenciada.

Astecas, Maias, Incas, Tupis, Guaranis..., nenhum desses povos alterou a concepção de conjunto que os colonizadores possuíam. Em 1507, quando pela primeira vez aparece grafado o nome *América* (*De Amerigie* = terra de Américo), ele se faz presente a partir de uma visão estratégica construída na Europa (Sant'Anna, 2001: 43). Suas subdivisões seguiam parâmetros ibéricos. Funes (1996:78) explica que esta visão era fruto de um planejamento do colonizador, de uma operação intelectual – *não de Colombo com suas viagens ou de Vespúcio com as suas – foi um trabalho de gabinete*. O comportamento de então, da época das *descobertas*, e da imprensa de agora não deixa de ser um reflexo da correlação de forças existentes no planeta, prevalecendo a visão hegemônica, não permitindo, inclusive, uma maior influência de nossa cultura nos demais setores da humanidade.

Há ainda uma visão antropológica. A opção em dar mais espaço à América Latina ou à América do Sul pode ser decorrente do fato do conceito *região* privilegiar um território como momento de nascimento de um povo, de uma raça ou de um ideal social. *Surgem aí processos de elaboração imaginária que idealizarão, sacralizarão, ou santificarão áreas que de um modo ou outro foram tocadas por algo excepcional, seja da ordem da contingência ou da transcendência. Assim, mitos de origem territorializam-se, passam a ter um espaço físico próprio que marca a fundação de algo excepcional* – explica Neves Flores (2000: 20).

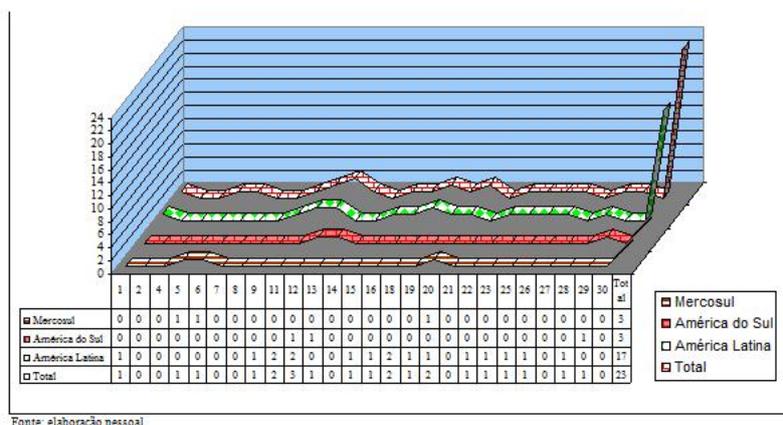


Figura 2: GRÁFICO 1.2 CITAÇÕES NO LE MONDE DEZEMBRO 2007 - VERSÃO IMPRESSA

Na atual realidade, seria difícil de imaginar a existência de um cidadão *mercosulês* – ou seria *mercosureño*? – ao passo que cidadãos sul-americanos ou latino-americanos são mais factíveis de se conceber. Como registra Darcy Ribeiro (1986: 19), a nossa latino-americanidade é bem evidente para os que nos olham de fora e que vêem nossa identidade macroétnica essencial. Parodiando-o, podemos dizer que o Mercosul *ainda não se fez de nós um ente político autônomo, uma nação ou uma federação de Estados nacionais latino-americanos. Mas não é impossível que a história venha fazê-lo*. O problema é que, como registrou Schramm (1970: 79), o elemento que contribui para a construção do conceito de nação é exatamente a difusão ampliada das informações sobre o tema. Ao falar pouco sobre o Mercosul a imprensa estaria contribuindo para retardar a construção da identidade regional referida por Darcy Ribeiro. E ao potencializar o país, o individual, ela despreza o sentimento de integração e estimula o nacionalismo.

4 Região ou nação?

Em todos os três textos referentes ao Mercosul, países membros do bloco foram igualmente citados e assumiram ao longo do texto a primazia do fato jornalístico. Ademais, ao longo do mês de dezembro de 2007, os cinco países membros do bloco (incluimos aqui a Venezuela) foram citados 53 vezes na versão eletrônica e em 111 textos na versão impressa. Se considerarmos a Bolívia enquanto Estado membro do grupo,¹³ estas cifras sobem para 62 e 124 citações, respectivamente (vide gráficos 1.3 e 1.4). Volume substancialmente superior à cobertura do bloco.

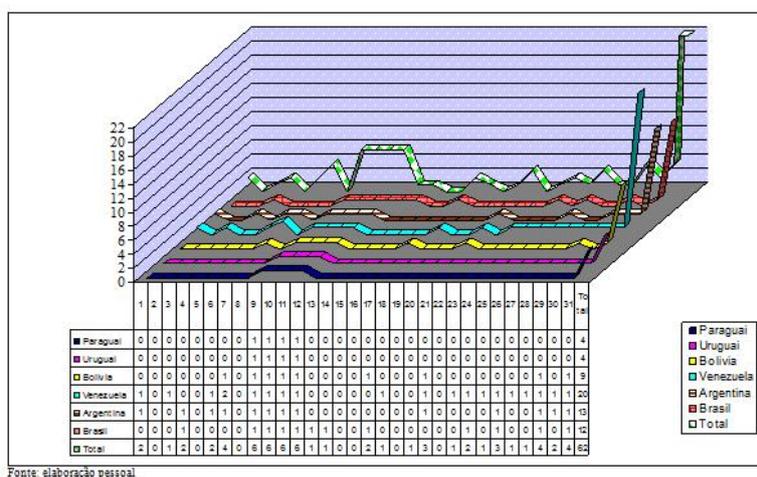


Figura 3: GRÁFICO 1.3 CITAÇÕES NO LE MONDE - CONTAGEM GLOBAL DEZEMBRO 2007 - VERSÃO INTERNET

As prioridades editoriais do *Le Monde* refletem a importância político econômica de cada país. Em nossa pesquisa fizemos duas contagens diferentes dos textos selecionados. Em primeiro lugar, todos os textos onde os países membros apareciam isolados, associados a um outro país do bloco ou a países terceiros. Esta primeira contagem denominaremos *global*. A segunda contabiliza apenas os textos onde os países são citados individualmente ou associados a nações não pertencentes ao Mercosul. Esta segunda contagem denominaremos *individualizada*.

¹³ O governo de Evo Morales já formalizou o pedido de adesão ao Mercosul. O pedido ainda não foi deliberado pelo fato da Bolívia desejar se manter associada igualmente à Can – Comunidade Andina de Nações, desejo que fere as regras do bloco do cone sul.

Na *contagem global*, foram identificados 122 textos, na versão impressa, e 62, na eletrônica (vide tabela 1.1). O Brasil é o tema líder na versão impressa. Ele se fez presente em 54 matérias, enquanto a Argentina, 26, e a Venezuela, 22, disputaram a segunda posição. Em seguida aparece a Bolívia, com 13. Na versão eletrônica o quadro é diferente. A Venezuela se apresenta com maior cobertura, 20 textos, seguida da Argentina, 13, e o Brasil, 12. Não muito distante, a Bolívia desponta em quarto lugar, enquanto Uruguai e Paraguai apresentam o mesmo quantitativo de cobertura jornalística: 4 textos.

A diferença de visibilidade entre as duas apresentações do periódico francês se deve às prioridades editoriais de cada uma de suas versões. O noticiário sobre o Brasil, embora prestigie os fatos econômicos, traz uma maior diversidade que vai desde a exibição do filme brasileiro de Cao Hamburger, *O ano em que meus pais saíram de férias* (*L'année ou mes parents sont partis en vacances*) e da conquista pelo jogador Kaká do troféu Bola de Ouro, até temas do cotidiano nacional, tais como a transposição do Rio São Francisco, o desmatamento da Floresta Amazônica, a renúncia do então presidente do Senado Federal, Renan Calheiros ou a retomada de investimentos pela Petrobrás na exploração de hidrocarbonetos bolivianos. Eles não são necessariamente o que os especialistas denominam *hard news*.

A cobertura via Internet – logo abaixo faremos uma análise mais detida sobre o estilo francês de webjornalismo – privilegiou o *hard news* e a instantaneidade dos fatos. Desta maneira, a Venezuela foi a grande beneficiada pelas páginas na internet, ultrapassando as demais nações, uma vez que o *www.LeMonde.fr* ter concedido ampla cobertura ao resgate dos reféns das Farc e ao plebiscito de 2 de dezembro. Por razões semelhantes, a Bolívia esteve mais presente na web francesa. Além de ter estado presente no caso das Farc, vivencio fortes crises políticas e econômicas.

A Argentina foi favorecida por uma coletânea de temas: posse da nova presidente Cristina Kirchner – fato omitido na versão impressa - assinatura em Buenos Aires do acordo de criação do Banco do Sul, e até a destruição das Palmeiras das Canária (*Phoenix canariensis*), que dão um charme tropical às praias da Côte d'Azur, devido à chegada na costa mediterrânea de uma borboleta argentina cientificamente denominada de *Paysandisia archon*.

Em grande parte do noticiário, em especial nos textos onde um ou dois deles são atores principais da notícia, os seis países pesquisados usufruem mutuamente da visibilidade jornalística obtida pelo vizinho. Uma espécie de *carona midiática*. Como exemplo, peguemos o caso sobre os investimentos da Petrobrás, citado acima. Num texto de 46 linhas (4.600 caracteres), além dos dois atores principais da notícia, Bolívia e Brasil, a Argentina é mencionada

Pais	Versão Impressa	Versão Internet	Total
Brasil	54	12	66
Venezuela	22	20	42
Argentina	26	13	39
Bolívia	13	09	22
Uruguai	04	04	08
Paraguai	03	04	07
Total	122*	62*	184*

(*) O volume superior do que o total de textos identificados, se deve ao fato de que vários países são citados conjuntamente em um ou mais textos.

Figura 4: Tabela 1.1 Noticiário *contagem global*

em duas linhas, ambas referentes à redução da exportação de gás boliviano para Buenos Aires. A extensa cobertura da recuperação dos reféns das Farc – episódio onde Venezuela e Colômbia eram atores principais – também propiciou visibilidade ao Brasil, Argentina, Bolívia e até à Cuba, pois todos haviam enviado a Caracas observadores da missão.

Esses não são os únicos exemplos e servem para desconstruir uma eventual idéia de que o grupo de países sul-americanos possui uma razoável cobertura pelo *Le Monde*, já que juntos foram citados 122 vezes. Na *contagem individualizada*, a cobertura individual de cada país, ou associada a países que não compõem o Mercosul, cai a menos da metade, ou seja, 57 textos na versão impressa e 27 na versão web (vide tabela 1.2). Ainda assim, em muitos casos, como o do noticiário sobre a Venezuela – que na maioria das vezes esteve associada à Colômbia – ou o do Brasil - cujas matérias de maior porte vinculam o país a outros países emergentes como Índia, China e México dentre outros -, os países não são os únicos sujeitos ou objetos da notícia.

Quando o são, o noticiário é curto, dez a vinte linhas escondidas numa coluna no pé de página. Ao longo de todo mês de dezembro, individualmente o Brasil só foi alvo de uma notícia com maior visibilidade quando do aniversário de 100 anos do arquiteto Oscar Niemeyer. De toda forma, a notícia não foi gerada no Brasil. As 86 linhas distribuídas em duas colunas - sem qualquer foto - foram redigidas a partir de Madri e serviam para anunciar também que Niemeyer seria o responsável pela construção de um centro cultural na cidade espanhola de Aviles. Mais de três quartos do texto foram dedicados a detalhar o projeto financiado pela Fundação Príncipe de Astúrias.

Esses exemplos demonstram que raramente os fatos internos aos países sul-americanos pesquisados são de interesse jornalístico para o *Le Monde*. A partir dos dados coletados em dezembro é possível afirmar que a vida interna do Brasil provoca um interesse mais plural. Os textos, embora diminutos, tratam de temas variados. Da cultura à economia, do meio ambiente à política nacional, do esporte às negociações sobre o comércio internacional, o Brasil aparece nas páginas do *Le Monde* quase que cotidianamente.

País	Versão Impressa	Versão Internet	Total
Brasil	30	02	32
Venezuela	11	20	31
Argentina	10	04	14
Bolívia	05	01	06
Uruguai	01	00	01
Paraguai	00	00	00
Total	57	27	104

Figura 5: Tabela 1.2 Noticiário *contagem individualizada*

Olhando os dados da tabela 1.2, um observador menos atento poderia imaginar que o mesmo acontece com a Venezuela. A leitura dos textos jornalísticos indica, contudo, o contrário. No caso venezuelano, dois temas monopolizaram a cobertura francesa: plebiscito constitucional de 2 de dezembro e resgate dos reféns das Farc. Em todos eles o ator da notícia é o mesmo: Hugo Chávez e o lapso de tempo foi mais concentrado. Treze dos 22 textos impressos no *Le Monde*, foram publicizados nos primeiros nove dias de dezembro. Já na página Internet metade foi difundida nos últimos dez dias. (Vide gráficos 1.3 e 1.4).

Em termos de mandatários, além do presidente venezuelano, a predileção é por Evo Morales. Ele rouba a cena e a situação política interna do país e produção de gás são os temas hegemônicos. No noticiário individual sobre o Brasil, Luís Inácio Lula da Silva sequer foi citado. A análise da cobertura individualizada de cada país, reforça a nossa análise que a prioridade editorial

do *Le Monde* é proporcional ao peso econômico e político dos fatos ocorridos na região.

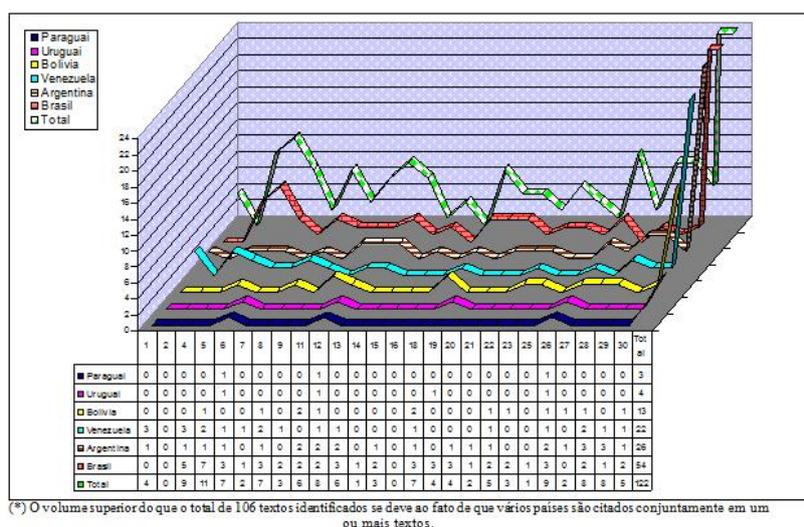


Figura 6: GRÁFICO 1.4 CITAÇÕES NO LE MONDE - CONTAGEM GLOBAL DEZEMBRO 2007 - VERSÃO IMPRESSA

Em 2001, quando analisamos o perfil editorial da imprensa brasileira – praticamente toda ela abastecida pelas agências e veículos transnacionais, inclusive pelo *Le Monde* – a Argentina era o país mais noticiado após o Brasil. O Uruguai aparecia na nona posição. Venezuela, Bolívia e Paraguai ocupavam respectivamente, a 12ª, 13ª e 14ª colocação em termos de volume de notícias. Uma leitura comparativa do noticiário de então e de hoje – embora sejam pesquisas com amostra e propósitos diferentes – demonstra claramente que a presença no poder de Hugo Chávez e Evo Morales e suas respectivas políticas de governo são os principais responsáveis pela maior visibilidade destes países no *Le Monde*.

O noticiário de Paraguai e Uruguai pode ser considerado irrisório. Primeiro pela quantidade, 8 e 7 textos, respectivamente, na *contagem global* e apenas uma nota para o Uruguai, na *contagem individualizada*. É um noticiário que se equipara ao do Haiti que obteve um texto na Internet e três na versão impressa, sendo que todos de todos eles, apenas um não era *individualizado*. Entre os 20 países do mundo com o menor poder aquisitivo, o Haiti ocupava, em 1999, a 15ª posição, ao lado de Burkina Fasso e Gâmbia. Na mesma época, o Produto Interno Bruto do país, estimado em 2,3 bilhões de dólares, se apresentava qua-

tro vezes menor do que o paraguaio (US\$ 9,2 bilhões) e oito vezes inferior ao uruguaio (US\$ 18,5 bilhões).¹⁴

Preliminarmente, a partir dos dados das *contagens individualizada e globalizada* podemos inferir uma preferência editorial pelos fatos das nações com padrão econômico mais elevado e pelas notícias cujas fontes sejam atores sociais com status social elevado (presidente, parlamentar, empresário etc.). As lideranças comunitárias, o cidadão comum, as entidades sindicais, ou mesmo os países de menor importância político-econômica na geopolítica regional são praticamente ignorados.

5 Prioridades editoriais

Analisando os dados da *contagem global*, constata-se uma predileção pelos temas políticos e, num segundo plano, dos econômicos. O noticiário político representa 47,5% do total. Na versão impressa, a prevalência ainda é bem maior: 71%. Além de quantitativamente se mostrarem de maior monta, o noticiário político é mais denso, oito em cada 10 textos podem ser classificados enquanto matérias ou reportagens, enquanto no noticiário econômico, esta proporção não chega a seis por dez. As notas econômicas, 38% do total, são bem mais frequentes do que as políticas. É de se ressaltar, ainda, que nenhum tema econômico suscitou chamada de primeira página, enquanto que por duas vezes os melindres da política sul-americana estamparam *la une* do *Le Monde*.

Nestes dois grupos incluímos os artigos referentes à criação do Banco do Sul, à retomada de investimentos brasileiros na exploração de gás na Bolívia, à instabilidade política boliviana, às negociações para o resgate dos reféns das Farc e à derrota de Hugo Chávez no plebiscito de 2 dezembro. Estes temas não só foram alvo de sucessivas matérias como também, em alguns casos, inspiraram o editorial ou artigos de opinião do jornal francês.

A evidência da preferência editorial francesa pelos aspectos econômicos e políticos, em detrimento de outros campos do conhecimento, fica mais nítida quando se percebe que nenhum dos textos tratou, por exemplo, de pesquisa científica, de artes plásticas – salvo sete linhas (196 caracteres) registrando o roubo das telas de Picasso e Portinari do Masp - ou de literatura.

Embora os temas culturais tenham despontado em terceiro plano, nenhum dos textos se referia a eventos ocorridos na América do Sul. A maioria consistia de textos sobre peças de teatro, apresentações circenses e de espetáculo musicais em cartaz na França, mas que contavam com temáticas de nossa

¹⁴ Cf. *The Economist – Pocket world in figures – 1999 édition*.

região ou comportavam em seus elencos indivíduos com nacionalidade sul-americana. Produção *mercosulina* mesmo, só duas críticas a produções cinematográficas: uma brasileira e outra argentina.

Numa quarta posição, despontou o meio ambiente. Salvo raras matérias, todos os textos tratam do assunto de uma maneira mais global, onde países como o Brasil aparecem lado-a-lado com a China, Estados Unidos, Indonésia e outros *vilões do aquecimento global*. Eles foram citados *en passant* como atores de uma realidade que se agrava dia-a-dia. Excluindo-se uma pequena nota sobre a transposição das águas do Rio São Francisco para o semi-árido do Nordeste brasileiro, nenhum texto abordou individualmente os países alvo desta pesquisa.

Empatados em quinto lugar, o esporte e as questões criminais. No caso do esporte se repete um pouco a situação dos temas culturais. Predominam textos sobre jogadores de futebol brasileiros ou de handebol argentino e suas performances em terras europeias. Originário das terras tropicais duas pequenas notas apenas: o rebaixamento do Corinthians Esporte Clube no campeonato brasileiro e a suspensão de Romário por doping desportivo a partir do suposto uso de tônico capilar. Destaque maior ficou para a outorga do troféu bola de ouro a Kaká, fato que, contudo, não ocorreu na Europa.

Quanto ao noticiário criminal ele se mostrou bastante variado. Desde pequenas notas sobre denúncias de corrupção e o já citado roubo das telas de Picasso e Portinari do Masp, a textos mais densos sobre a pirataria e o desrespeito a legislação das patentes e a penalização de antigos oficiais militares por crimes de torturas durante as diversas ditaduras militares que reinaram na Argentina, Brasil e Uruguai. Alguns destes textos poderiam ser classificados como econômicos ou de política, o que reforçaria ainda mais a preponderância editorial do *Le Monde* por estas duas temáticas.

Na área de turismo, a Argentina – associada ao Chile - foi a única contemplada. Uma bela reportagem, que fugia do binômio política-economia, ocupou praticamente toda uma página, promovendo um cruzeiro marítimo no extremo sul do continente. Aqui há de se questionar se as motivações do texto não terão sido as fortes verbas publicitárias das empresas de turismo.

A leitura dos dados anteriores permite nos afirmar que a exemplo das relações comerciais entre a Europa e o Mercosul, pelas quais a União Europeia não estabelece um acordo global de bloco a bloco, o *Le Monde* parece priorizar uma abordagem país a país, em detrimento do conjunto. Individualmente, os países se mostram jornalisticamente mais importantes do que em grupo. O provérbio popular *a união faz a força* não se mostra efetivo nas normas editoriais do vespertino francês.

Tema	Versão Impressa					Versão Internet	Total
	Chamada de capa	Editorial	Matéria	Nota	Total		
Política	02	02	29	03	36	32	68
Economia	01	00	17	11	29	06	35
Cultura	00	00	06	03	09	01	10
Ecologia	00	00	08	00	08	01	09
Criminal	00	00	04	03	07	02	09
Esporte	00	00	03	04	07	01	08
Religião	01	00	1	00	02	01	03
Turismo	00	00	1	00	01	01	01
Total	04	02	69	24	98	45	143

Obs: Computou-se Bolívia e Venezuela e não foram considerados textos referindo-se apenas à América Latina e América do Sul.

Figura 7: Tabela 1.3 Distribuição temática do noticiário sobre países membros do Mercosul

Neste ponto, mais uma vez, o *Le Monde* demonstra que sua preferência editorial - tratar os países individualmente, em detrimento do bloco - é semelhante a de grandes jornais brasileiros. Na pesquisa de 2001, mencionada anteriormente, constatamos que em três grandes jornais brasileiros, o tema *Mercosul* ocupava, com 159 textos, a 18ª posição, com um volume de noticiário inferior ao divulgado sobre o Haiti (208), Panamá (162) e Equador (193) (Sant'Anna, 2006: 16). Países com menos peso econômico e político do que o bloco.

6 Ilustrações

Na versão impressa as charges são, praticamente, inexistentes no noticiário internacional.¹⁵ A infografia se limita ao uso de gráficos e as fotos são parcimoniosamente utilizadas. Dos 106 textos¹⁶ objeto da pesquisa, foram identificadas fotos em apenas nove deles. Cinco delas tratavam de fatos venezuelanos - plebiscito constitucional e recuperação de reféns das Farc - e uma retratava a manifestação de opositores ao governo boliviano de Evo Morales. O Brasil foi contemplado com imagens associadas a questões ilegais: a venda de bolsas de grife pirateadas e toras de madeiras cortadas ilegalmente na Amazônia. A Ar-

¹⁵ O *Le Monde* tem a rotina de publicar suas charges na capa ou na página 2, dedicada a editoriais e artigos opinativos

¹⁶ As chamadas de capa foram consideradas textos jornalísticos para efeito desta pesquisa,

gentina teve melhor sorte: as belezas da Patagônia ilustravam uma reportagem sobre cruzeiros entre aquele país e o Chile. O baixo percentual, 8,5%, de matérias ilustradas com fotos traz como consequência – como constatou Carlosena (1997: 76) ao analisar o noticiário argentino sobre o bloco – uma aridez na apresentação dos conteúdos, que pode, ao nosso ver, reduzir o interesse do leitor sobre os temas tratados.

Na versão internet, espaço é mais rico em fotografias. Dentre os 45 textos selecionados, 28 deles estavam acompanhados de fotos. Ou seja, seis em cada dez textos eram ilustrados fotograficamente. Elas foram produzidas, em sua maioria, pelas agências *Associated Press*, *France Presse* e *Reuters*. Não encontramos fotos de autoria de repórteres-fotográficos do próprio jornal.



Figura 8: Fotos:REUTERS/HO www.LeMonde.fr 11/12/2007

Analisando-se as fotos, percebe-se uma clara preferência por Hugo Chávez. Mais de dois terços delas tratavam de fatos vinculados ao líder venezuelano, tais como a *Operação Emmanuel* e o plebiscito constitucional. Onze delas estampavam o rosto do comandante da revolução bolivariana. O Comandante Marcos, líder do movimento dos Chiapas, e os chefes de estado Evo Morales e Cristina Kirchner foram contemplados, cada um, com uma foto. Luis Inácio Lula da Silva não teve a mesma sorte. Do Brasil, apenas o jogador de futebol Kaká teve direito a um *boneco* – foto do rosto em primeiro plano – estampado na versão eletrônica do jornal francês. A unidade das nações sul-americanas foi ilustrada com uma fotografia que registrava a cerimônia de cri-



Figura 9: REUTERS/HO www.LeMonde.fr 10/12/2007

ação do Banco do Sul, ocorrida na Casa Rosada, em Buenos Aires. A instituição financeira, proposta por Chávez, reúne sete países da América do Sul e a imagem apresentava os chefes de estados de mãos dadas, demonstrando a união regional.

A América Latina nos é habitualmente apresentada como um produto do surreal, do *maravilhoso* (Laplatine e Trindade, 1997:58). Um local onde sonho e realidade se misturam e se confundem, onde o irreal pode se transformar em realidade e a realidade pode não existir (Sant'Anna, 2001: 35). As narrativas buscam potencializar o *fantástico*, o que em alguns casos significa classificar alguns chefes de estado como *ditadores*, *sanguinários* e *grotescos* (Laplatine e Trindade: 64). A realidade regional é tradicionalmente parodiada e por meio da hiperexposição de comportamentos tidos como exóticos, delirantes, brutais, megalomaníacos, corrupção, decomposição da sociedade, etc.

De certa forma, o *Le Monde* não foge à regra. As fotos utilizadas na versão eletrônica demonstram que o www.LeMonde.fr reforça esta visão estereotipada do latino-americano, onde o exótico, o grotesco e a paródia se fazem presentes e em muitos casos, como já tivemos a possibilidade de demonstrar (Sant'Anna, op.cit.: 28) mediante uma abordagem editorial fortemente ideologizada. Ao longo do mês pesquisado, o grande personagem latino-americano foi o presidente da Venezuela, Hugo Chávez. A Bolívia de Evo Morales também foi bem contemplada, marcando presença em um volume de textos 7



Figura 10: Fotos: Reuters/STR www.LeMonde.fr 11/12/2007



Figura 11: AP/Fernando Llano www.LeMonde.fr 11/12/2007

vezes superior ao do Paraguai ou do Uruguai. O risco na aplicação deste comportamento editorial é o fato dos meios de comunicação não refletirem ou reproduzirem o *real* Como salienta Mota (2000:17), *os meios não refletem*

nem reproduzem, mas constituem o real. A percepção das ocorrências é cada vez mais testemunhal e cada vez mais mediada pelos meios tecnológicos.(...) Numa sociedade como a que estamos vivendo, é a mídia que constrói o real.

7 Conclusão

A importância de análises como esta se deve ao fato de a capacidade da imprensa em mais que dar visibilidade aos atores sociais, ela tem o poder de lhes conceder credibilidade ou de desmoralizá-los perante o espaço público. A luta pela obtenção de um lugar ao sol no espaço público e, conseqüentemente, do respaldo da opinião pública passa pela ação dos meios de comunicação. Não por outros motivos é que surgem, principalmente no Brasil, mídias operadas pelas próprias fontes. Estas *mídias das fontes* (Sant'Anna, 2005) procuram levar diretamente ao público informações minimizadas, desprezadas ou deturpadas pelos meios convencionais.

De outro modo, iniciativas como a *Telesur*, na América Latina, da *France 24*, na Europa, ou da *Al Jazeera*, a partir do mundo árabe, são igualmente ações que visam a quebra de um olhar monolítico sobre os fatos do mundo. A notícia, como sabemos, desde o seu nascedouro, ou seja, na pauta, no momento em que os jornalistas decidem quais fatos serão acompanhados e quais serão desconsiderados pela cobertura, sofre um forte processo seletivo. Esta seleção não é imune a influências internas e externas ao veículo e ao profissional. Interesses políticos ou econômicos, referenciais religiosos, ideológicos, culturais, custo de produção, distância física entre o local do fato e do veículo, hora de acontecimento do fato, são, dentre tantos outros elementos que poderão definir o perfil dos desdobramentos da cobertura noticiosa ou até de cancelá-la.

Em sendo impossível registrar tudo o que acontece no mundo, torna-se importante saber o que chamará mais a atenção dos jornalistas e dos proprietários dos meios informativos. Um dos critérios possíveis é a proximidade cultural do fato e a estrutura cultural do leitor. Galtung e Ruge (1993: 65) afirmam que será priorizado o tema mais *familiar* ou *semelhante culturalmente*, enquanto o que é *distante culturalmente* ficará num segundo plano ou talvez seja descartado. Os autores ressaltam, ainda, que os acontecimentos que digam respeito às nações de elite têm mais probabilidade de virarem notícia (Idem:67).

Estes critérios de noticiabilidade talvez venham explicar a razão do *Le Monde* ter concedido tratamento editorial ao Haiti semelhante ou até mais favorável ao concedido ao Mercosul, ao Paraguai e ao Uruguai. Nas duas versões do jornal francês, o Haiti foi contemplado com 4 reportagens. Curiosamente, o fator de importância econômica tão presente na seleção das notícias

pesquisadas não se fez presente neste caso. Entre os 20 países do mundo com o menor poder aquisitivo, o Haiti ocupava, em 1999, a 15ª posição, ao lado de Burkina Fasso e Gâmbia. Na mesma época, o Produto Interno Bruto do país, estimado em 2,3 bilhões de dólares, se apresentava quatro vezes menor do que o paraguaio (US\$ 9,2 bilhões) e oito vezes em relação ao uruguaio (US\$ 18,5 bilhões).¹⁷ As comparações econômico financeiras com o Mercosul são, por motivos óbvios, dispensáveis.

Questionamos o *ownbusdman* (*médiateur*) do *Le Monde* e também o profissional responsável pela editoria de América Latina sobre os elementos que pesam no comportamento editorial do veículo. Infelizmente, não obtivemos nenhuma resposta. Baseados em Galtung e Ruge poderíamos arriscar a afirmar que um dos elementos que garantem o espaço concedido ao Haiti é o fato daquela nação ter sido uma antiga colônia francesa. Se fosse de origem ibero-americana, talvez nem tivesse despontado nas páginas francesas. Ressalte-se que o noticiário haitiano se referia à riqueza musical daquela nação, descartando-se, assim, outro critério de noticiabilidade tradicionalmente utilizado pela imprensa: o grau de negatividade do ocorrido.

A inclusão do Haiti em nossa pesquisa foi motivada pelo fato do país de que, em nosso trabalho anterior, o país caribenho ter se mostrado mais importante jornalisticamente do que o Mercosul. Decidimos inseri-lo neste trabalho como um *elemento de controle* para verificar a ocorrência de houve mudanças. Pelo visto, a situação continua a mesma.

A nosso ver, a abordagem jornalística do *Le Monde* ainda guarda traços das antigas narrativas sobre a América Latina. Desde o primeiro momento, do primeiro contato, os narradores se valeram de um estilo que reforçava as diferenças entre o Velho e o Novo Mundo. Este universo *fantástico* é perceptível nas cartas escritas por Cortés, Pero Vaz de Caminha, Gaspar de Carjaval e tantos outros *repórteres da história*¹⁸ que se depararam com uma realidade diferente da usual. Ao potencializar informações sobre corrupção, instabilidade política, corrupção e principalmente sobre lideranças como Evo Morales e Hugo Chávez, o vespertino francês parece pretender reviver uma América do Sul dos caudilhos e dos generais. É inconcebível que o jornal não tenha publicado uma única linha sobre a posse da nova presidente da Argentina.

O Brasil, em função da pluralidade temática verificada, parece ter sido o único dos integrantes do Mercosul que fugiu desta fórmula jornalística. Mesmo assim, textos sobre pirataria na indústria, sobre a renúncia do presidente do

¹⁷ Cf. *The Economist – Pocket world in figures – 1999 édition*.

¹⁸ Utilizo essa definição, tendo em vista que esses escrivãos foram os primeiros narradores incumbidos em registrar os fatos das diversas etapas dos “descobrimientos”.

Senado Federal, envolvido num *affaire* amoroso; sobre desmatamento da Amazônia e doping de jogador de futebol não contribuem necessariamente para a construção de um imaginário diferente daquele que potencializa o grotesco. Resumidamente, o *Le Monde* demonstra potencializar em seus enfoques o exotismo da América Latina tão suscitado nas narrativas da imprensa internacional.

O noticiário venezuelano e boliviano também reforça a idéia de que o jornal opta por assuntos que tenham potencial de continuidade e evolução. Ele chegou a enviar de Paris para os dois países um enviado especial que ficou responsável durante diversos dias pelo acompanhamento do desenrolar da *Operação Emmanuel* e das últimas semanas que antecederam a conclusão do trabalho constituinte na Bolívia.

Por outro lado, ao retratar o bloco do Cone Sul como uma simples união aduaneira o periódico demonstra não acreditar em uma integração mais ampla. E isto pode ser decorrente do fato dos povos que compõem o Mercosul ainda não exprimirem uma cultura comum, um discurso comum. Não temos nem mesmo um porta-voz único, como a União Européia. Nem mesmo o Parlamento Mercosul, com sede no Uruguai, se faz presente com uma posição unitária. Mesmo na imprensa nacional, que pouco acompanha as reuniões mensais daquela Casa legislativa, o que se vê são os embates de país a país, como se lá fosse uma arena de disputas e não um fórum para a construção de um marco legal para a integração regional.

Segundo Hall (1999: 37), a forma de se construir os sentidos que influenciam e organizam tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmo e as dos outros sobre a gente passa pela expressão das culturas nacionais; São elas que produzem os sentidos com os quais podemos nos identificar, e construir nossas identidades. O Mercosul não tem conseguido desenvolver a sua própria cultura, não tem praticado um só discurso. Não é de se estranhar que sejam vistos como um punhado de países que se uniram para ampliar os lucros no comércio internacional.

Falta assim uma estratégia de comunicação pró-ativa por parte do Mercosul. Mas isto não pode acontecer artificialmente. Ela só subsistirá na medida em que haja uma unidade programática, um entendimento de todos os países membros. A existência de dissidências internas e ameaças de rupturas só reforçam o conceito de união alfandegária e enfraquecem o de integração regional.

O Mercosul ainda está muito distante do cidadão comum. Não é uma bandeira que se faz rotineiramente presente nos debates da sociedade. Em parte, isto é reflexo da falta de uma agenda concreta de acontecimentos que o insira

no cotidiano do cidadão *mercosulês*. O intercâmbio estudantil, por exemplo, de qualquer um desses países com a Europa ou os Estados Unidos é superior ao interno aos países membros. De outra parte, é também um reflexo da própria imprensa que tem o hábito atizar a rivalidade entre as nações, de jogar um país contra o outro, como se fosse a cobertura de uma final de campeonato.

A compreensão e a interiorização da integração regional pela sociedade são fundamentais. Como salienta Flores Jr. (2005:8), *somente a existência de uma sólida motivação de base é capaz de contrabalançar os diversos interesses particulares que se entrecrocaram em um processo de integração, prejudicando-o fortemente*. Neste caso, diante de um sentimento regional, seriam os padrões editoriais que sofreriam interferência pela *motivação de base*, mudando seus conceitos.

A criação de meios de comunicação regionais, agência de notícias, emissoras de rádio e de televisão – como a *Euronews* ou canal franco-alemão *Arte* – podem contribuir neste processo. A iniciativa da *Telesur* ou do *Canal Brasil Integración* neste tocante são positivas, mas ainda insipientes por não chegarem à maioria dos lares da região. A troca rotineira de conteúdos entre os jornais e emissoras dos países envolvidos e a criação de editorias especializadas, também podem contribuir. Como registrado há quase 100 anos, na declaração final do Primeiro Congresso Pan-americano de Periodistas, realizado em Washington, em 1926, *nenhum outro veículo é comparável à imprensa para desenvolver relações mais estreitas entre as repúblicas americanas. (...) A maneira mais eficaz de efetuar a comunicação entre as nações há de ser a publicação diária em cada país das notícias que tenham importância nos demais. (...) [Quando isto acontecer] O público começará a mostrar um interesse que hoje não demonstra (apud Entel, 1987: 204)*. Até lá, continuaremos a ver a imprensa *esquentando* os fatos para captar mais audiência e rentabilidade, jogando um país contra o outro, como se existisse um interesse obscuro visando o insucesso da integração regional.

8 Bibliografia

Andrade, Antonio de (1997-a). *O Mercosul na imprensa da mega-região: evidências empíricas*. Anuário Unesco/Umesp de comunicação regional, n.º 4, pp. 23-55, São Bernardo do Campo, Umesp.

_____ (1997-b). *O Mercosul é notícia?* In: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de, e Marques de Melo, José. *Políticas Regionais de Comunicação: os desafios do Mercosul*. São Paulo: Intercom/UEL, 1997.

- Barbosa, Gustavo e Rabaça, Carlos (2002). *Dicionário de Comunicação*. Rio de Janeiro, Campus.
- Carlosena, Maria Angélica (1997) *El Mercosur em la prensa del Mercosul. El caso argentino*. Anuário Unesco/Umesp de comunicação regional, n.º 4, pp. 57-76, São Bernardo do Campo, Umesp.
- Entel, Alicia, (1987). *Cuadros de Epoca y Passiones de Sujetos*. Editorial Docencia, Buenos Aires,.
- Flores Jr. Renato G. (2005). *Repensando as integrações regionais. Visages d'Amérique Latine- Revista de estudos iberoamericanos*, n.º 2 - juin, pp. 07-11. Paris, Presses de Sciences Politics.
- Ford, Anibal (1994). *Los sistemas de construcción de la información en la prensa Argentina sobre el tratado del Mercosur y sobre los países que lo componen*. Buenos Aires, (texto xerocopiado).
- Funes, Patrícia (1996). *Del Mundus Novus al Novo Mundismo. Algunas reflexiones sobre el nombre de América Latina*. In: Dayrell, Eliane G e Iokoi, Zilda Márcia G. (orgs.) *América Latina Contemporânea: Desafios e Perspectivas*, pp 77-96. São Paulo, Edusp.
- Galtung, Johan e Ruge, Mary Hombøe (1993). *A estrutura do noticiário estrangeiro*. In: Traquina, Nelson (org.), *Jornalismo: Questões, Teorias e "Estórias"*, pp. 61-73. Lisboa, Veja.
- Hall, Stuart (1999). *A identidade cultural na pós modernidade*, Rio de Janeiro, DP&A.
- Laplatine, François e Trindade, Liana (1997). *O que é o imaginário*. São Paulo, Brasiliense.
- Marques de Melo, José, Fadul, Maria, Andrade, Antonio de, Gobbi, Maria Cristina (1997). *O Mercosul na imprensa do Mercosul. O caso brasileiro*. Anuário Unesco/Umesp de comunicação regional, n.º 4, pp. 79-98, São Bernardo do Campo, Umesp.
- Milza, Pierre (1988). *Política interna e política externa*. In REMOND, René (org.). *Por uma história Política*, pp. 365-399. Rio de Janeiro, UFRJ/FGV.
- Motta, Luiz Gonzaga (2000). *Análise Arquetípica: A mídia e a reprodução do mito na sociedade contemporânea*. Comunicação feita na IX Reunião

Anual da COMPÓS - Famecos - PUC/RS - Porto Alegre – RS 30/05 a 2/06/2000

Neves Flores, Luiz Felipe Baeta (2000). *Região e nação: novas fronteiras*. In: Zarur, George C.L. (org.), *Região e Nação na América Latina*, pp. 17-24. Brasília, UnB.

Ribeiro, Darcy (1986), *América Latina, a Pátria Grande*, Rio de Janeiro, Editora Guanabara.

Sader, Emir, Stédile, João Pedro, et all., (1998), *A opção brasileira*. Rio de Janeiro, Contraponto.

Sant'Anna, Francisco (2001). *O papel da mídia impressa brasileira no processo de integração latino-americana. Um estudo do comportamento editorial de grandes periódicos nacionais*. Dissertação de mestrado para a obtenção do grau de Mestre em Comunicação pela Universidade de Brasília.

Sant'Anna, Francisco (2005). *Mídia das fontes: o difusor do jornalismo corporativo*. Brasília, Casa das Musas.

Sant'Anna, Francisco (2006). *América Latina – um tema fora da pauta. Uma análise sobre o papel da mídia impressa brasileira no processo de integração latino-americana*. Comunicação & Política, vol. 24, n.º 1, pp. 09-40.

Schramm, Wilbur, (1970) *Comunicação de Massa e Desenvolvimento - O Papel da Informação nos Países em Desenvolvimento*. Rio de Janeiro, Bloch Editores.

The Economist, (1999) *Pocket World in Figures – 1999 Edition*. Profile Books, Londres.